

Linete, a devassa

Rodrigo Alencar

Corria de boca em boca a má fama dela. Uma moça dada, pródiga, amiga das farras e das noitadas. Embora vivesse em Pontal dos Gregos há menos de um ano, já tinha muitas inimigas – não só as mulheres casadas, mas também as que faziam planos de se casar.

À frente dessa mulherada, estavam três irmãs, todas velhas – D^a. Ava, D^a. Eva e D^a. Iva. Seu trabalho não era fácil: inteirar-se dos novos amores de Linete e espalhá-los aos quatro ventos, sem pudor. Às vezes, quando inspiradas, elas faziam rimas e bordões que logo se espalhavam, como este:

Linete não tem consorte,
Pois morto é seu coração.
Seus lábios levam à morte;
Seu corpo, à perdição.

Certa vez, alguém lhes disse que Linete talvez fosse uma boa moça, que talvez só carecesse dum sermão para mudar. Mas as velhas logo rebateram, em coro:

- Se Linete tivesse freio, não pegava marido alheio.

E esse dito, por ser rimado, alastrou-se pela cidade feito rasto de pólvora. Pois divertiam ao povo tanto essa rima como outras feitas pelas três irmãs, que não tinham outra coisa a fazer senão essas rimas maldosas.

Assim, a frase passava de boca em boca, sem escrúpulos:

- Se Linete tivesse freio, não pegava marido alheio.

Mas Linete não pretendia mudar e se lixava para o que falavam a seu respeito. Só tomava algum cuidado para que ninguém soubesse dos seus romances com os homens casados. Pois estes, além de maridos, eram pais. E não era justo que se desentendessem com seus filhos por causa dela. Isso ela deixava bem claro para eles. Não queria estragar os laços que uniam pais e filhos. Isso não, pelos anjos que a rodeavam.

Um belo dia, chegou à cidade o neto de D^a Iva. Ele vinha de longe, das bandas do Sul, e

iria passar as férias na casa da avó. Não sem motivo, as outras duas velhas a alertaram:

- Seu neto é bonito. Não o deixe andar por aí, pois Linete vai seduzi-lo.

- Se ela fizer isso, eu arranco os cabelos dela na unha... – rosnou D^a. Iva.

D^a. Ava, achando graça na resposta, riu tanto que deixou escapar da boca sua dentadura. Então D^a. Eva se agachou para pegá-la e, num descuido, deixou cair sua peruca.

Linete odiava aquela casa, pois sabia que todos os bordões maldosos a respeito dela saíam dali. Por isso, quando ela viu o neto de D^a. Iva sair da casa, numa tarde, não teve dúvida: iria seduzi-lo. Essa ideia a alegrou muito e não era para menos. Afinal, ela não só iria se desferrar de D^a. Iva, o que atingia as três irmãs, já que eram inseparáveis, mas também iria pegar um moço bonito, bem ao gosto dela. Seria como matar dois coelhos com uma só cajadada.

E não tardou para que Linete descobrisse o nome do rapaz: Dalcino. Nos dias seguintes, ela passou a espiá-lo, vendo-o entrar e sair da casa das velhas, enquanto aguardava, paciente, o momento certo para abordá-lo. Até que, numa tarde, ela andava no passeio quando viu o moço vir na sua direção.

- Ai, ai! – disse ela, simulando um tropeço.

Ao vê-la no chão, Dalcino adiantou-se:

- Calma! Eu vou te ajudar...

- Obrigada, moço. Você é um amor...

- Você torceu o pé?

- Não, foi só uma topada... Eu vou ficar bem...

Em seguida, Dalcino a puxou pela mão e ela, erguendo-se, beijou-lhe no queixo (quase na boca, quase).

Desde então, os dois passaram a se ver nas sombras. Mesmo sabendo da índole da moça, por causa do que ouvia na casa da avó, Dalcino não se importava. Afinal, que mal havia naqueles encontros? Ele tinha só dezoito anos e estava de férias. Não podia dar boqueira, mas tinha de aproveitar, sair, namorar bastante.

Enfim, seguir à risca o que lhe dizia seu bom pai, que já vivera o suficiente para ensiná-lo.

A verdade é que Linete tinha o rapaz nas mãos, feito uma víbora que enlaça sua presa. Com paciência, ela aguardava o momento certo para surpreender as velhas. Sabia esperar e sabia também que poderia levar D^a Iva e suas irmãs para a cova antes do tempo. Pensava nisso e ria sozinha, rancorosa.

Com a chegada do inverno, Linete começou a executar o que vinha matutando fazia alguns dias. Numa tarde, após receber Dalcino em sua casa, ela lhe disse:

- O inverno chegou, e eu preciso de um cachecol, mas não tenho grana para comprar um.

Dalcino estacou, pensativo. Depois disse:

- A vovó faz crochês. Eu vou pedir a ela um cachecol e dou-te como presente.

- Sério? – replicou ela, fingindo espanto – Você faria isso por mim?

- Sim. Por que não?

- Então eu posso escolher a echarpe?

Dalcino recuou, franzindo o cenho. Mas acabou cedendo:

- Sim, pode.

- Pois bem, eu quero uma echarpe coreana, de lã grossa...

O moço empalideceu. Ele sabia que essas peças eram as mais caras e que sua avó quase não as fazia. Na verdade, ela não fazia mais que um exemplar delas, que acabava compondo o mostruário e servia para a consulta dos fregueses, que podiam ou não encomendá-la.

Mas Dalcino não era homem de dar para trás e manteve sua palavra, honradamente. Custasse o que custasse, ele acharia um jeito de se apossar do cachecol e presentear sua amante.

De noite, ele foi até o aposento que ficava nos fundos da casa. Era ali que D^a. Iva e suas irmãs guardavam os seus crochês. Depois de se certificar de que elas dormiam, ele abriu a porta do cômodo e andou, pé ante pé, até o armário. Depois, tirou dali um grande baú que servia de mostruário. Abriu-o e pôs-se então a revirar as peças, uma por uma, até descobrir, no fundo do móvel, a echarpe coreana.

Com um suspiro de alívio, Dalcino afagou a peça, retendo-a nas mãos. Depois estacou, pensativo, sem saber o que fazer. E agora? Devolvia o cachecol ao baú ou o sustinha consigo? Se fizesse a segunda escolha, teria de pagar por ele, mas não tinha dinheiro para isso. Além do mais, havia outro problema: mesmo que ele comprasse a peça, não saberia explicar à avó o porquê da compra. Com certeza, ela o indagaria a respeito disso, não aceitando qualquer desculpa, pois sabia dos gostos dele e até parecia, às vezes, ler sua mente.

De manhã, antes que as irmãs acordassem, ele enfiou o cachecol num saco e saiu de fininho, rumo à casa da amante. Enfim, fizera sua escolha: daria o presente a Linete e depois, antes de voltar para o Sul, arranjaria o dinheiro para pagar sua avó. Afinal, a echarpe valia cada centavo do seu preço, e ele não era homem de roubar ninguém.

Linete estranhou aquela visita inesperada, às seis da manhã. Quando Dalcino entrou na sala, ela bocejava, coberta por um roupão. Mas logo que viu o cachecol, justamente o que ela escolhera, saltou nos braços do moço, que cedeu ao furor dos beijos, das carícias dela. Minutos depois, eles rolavam na cama, o móvel principal da casa. O principal, sem dúvida, e você pode imaginar o porquê disso.

Antes de se despedir de Linete, no final da tarde, Dalcino fez-lhe um pedido: que ela não passasse na frente da casa de sua avó vestida com a echarpe coreana. Pois D^a. Iva, que reconhecia de longe seus crochês, iria sacar que o mimo fora dado por ele, seu neto. E, como bem sabia Linete, isso não podia acontecer de modo nenhum, porque sua avó detestava a moça e faria de tudo para afastá-la do neto.

Mas Linete não lhe deu ouvidos, pois fizera dele um simples fantoche e estava, agora, prestes a concluir seu ardil.

Na manhã seguinte, ela passou desfilando diante da casa das velhas. D^a. Eva, que jazia na porta, não se conteve:

- Meninas do céu, venham cá!

- O que foi, mulher? – perguntou D^a Ava, adiantando-se até a porta.

Em seguida, acudiu D^a. Iva, arfando.

Elas não podiam crer no que viam: Linete usando a echarpe coreana, uma das peças mais caras e luxuosas do seu estoque. Não

tiveram dúvida: era a peça feita por D^a. Iva, dias atrás, para compor o mostruário de inverno.

D^a. Iva sentiu o sangue ferver. Lembrava ter botado, na véspera, o cachecol dentro do baú, embaixo do jaleco bordado com losangos. Mesmo assim, perguntou às irmãs se ele fora vendido a alguém e, para seu espanto, elas responderam que não.

Assim, as velhas passaram a suspeitar de Dalcino. Além dele, quem mais tinha acesso ao aposento dos fundos, onde ficava o baú? Só elas três, que moravam ali. Mas isso não resolvia o problema, pois nenhuma delas tocara no cachecol depois que D^a. Iva o guardara, na véspera. Nem para admirá-lo nem para mostrá-lo a nenhum freguês. Estavam certas disso como dois mais dois são quatro e, além do mais, não eram caducas e tinham boa memória, a despeito de sua velhice.

Pouco depois, quando Dalcino entrou em casa, foi tolhido por D^a. Iva, que lhe fez várias perguntas, uma após a outra. Constrangido, o moço não teve outra saída senão confessar o seu caso com Linete. Depois, contou à avó como entrara no cômodo dos fundos, pé ante pé, e pegara o cachecol coreano. Isso o vexou tanto que já não podia andar pela casa tranquilo nem falar com suas hospedeiras. Por isso, ele comprou um bilhete de ônibus e partiu dali na manhã seguinte, com a cara no chão.

Mas D^a. Iva não iria tolerar aquela ofensa, pois constrangia sua família. A devassa fora longe demais.

E já pensava no contra-ataque quando chegou a Pontal dos Gregos um inquisidor. Todo ano um agente da Inquisição aparecia ali, com o propósito de averiguar os costumes e a moral do povo. Se ele descobria algum delito, qualquer que fosse, desde xingamentos em público até adultérios, logo abria um inquérito e interrogava os suspeitos. Uns eram punidos com penas leves, como rezas e pagas à Inquisição, enquanto outros podiam ser presos, enforcados ou queimados vivos. Como você pode notar, as penas variavam, dependendo da menor ou da maior gravidade das faltas. Mas uma coisa era certa e disso ninguém duvidava: quando o inquisidor chegava à cidade, entre julho e agosto, todo mundo se fazia de santo: os pândegos não se divertiam mais, os adúlteros não traíam mais, os mentirosos paravam de mentir, as bacantes paravam de beber, os gatunos paravam de roubar e os trapaceiros, de passar a perna nos outros. Enfim, uma santidade geral, mas efêmera, que acabava assim que o inquisidor botava os pés fora da cidade.

Mas, como eu ia dizendo, D^a. Iva já ensaiava sua desforra. Como o inquisidor estivesse na cidade, ela não pensou duas vezes: denunciou Linete àquela autoridade. A acusação? Eram mais de uma: sedução, coito, adultério. Pois, segundo a denunciante, Linete não só aliciava os homens, mas se deitava com eles, fazendo com que os solteiros se transviassem e os casados traíssem o leito conjugal.

Para a felicidade da velha, a denúncia foi aceita. Cinco dias depois, Linete foi intimada a comparecer ao gabinete do inquisidor, no centro da cidade. O prédio fora, no passado, a sede da Prefeitura e, agora, jazia esquecido pelas autoridades, as paredes mofadas e encardidas. Chegando ali, Linete foi introduzida na sala do inquisidor, que cheirava a mofo, como todo o edifício.

Interpelada sobre as acusações feitas contra ela, a moça não as desmentiu. Em vez disso, confirmou uma a uma, sem medo, olhando de frente o inquisidor.

- Então a senhorita assume os crimes de sedução, coito e adultério? – inquiriu de novo o agente, como se quisesse ter certeza do que já sabia.

- Sim.

- Então a senhorita sabe que violou a moral e a decência pública?

- Sim, senhor.

Dito isso, não cabia apelação. O inquisidor carimbou alguns papéis e fez com que Linete os assinasse. Na última folha, constava a pena, definitiva e inapelável:

Ilustríssimo senhor delegado,

O inquisidor desta paróquia, Dr. Xantipas Maiorca Avernois, instalado por ora na Rua do Ouro, vem, respeitosamente, requerer a execução da pena capital, a saber, o suplício da fogueira, por meio desta nota, com fundamento no artigo 7º, §3º, do Código Moral e Cívico, contra Linete Amianto Silva, brasileira, solteira, sem profissão, residente na Rua dos Patos, nesta cidade, pelos delitos expostos acima, os quais afrontam não só o bem e a moral pública, mas ainda a justiça dos homens e a justiça de Deus.

Isso mesmo. Como você acabou de ler, ela fora condenada à pena mais hedionda que havia: a morte na fogueira.

Esse veredicto fez as três velhas – D^a. Ava, D^a. Eva e D^a. Iva – rejubilarem. Para celebrar a má sorte de Linete, elas fizeram um bolo

enorme, repartindo-o com os vizinhos. Também inventaram este bordão, que logo se espalhou por toda a cidade:

A filha da perdição,
Cínica e descarada,
Não mais fará o mal,
Pois o santo tribunal
Fez saber sua decisão:
Ela será queimada!

•

Era sexta-feira e o céu estava carregado. Apesar do mau tempo, as ruas estavam lotadas. Os que não podiam sair espiavam das portas e das janelas, esforçando-se para ver o que fosse possível.

Rodeada por quatro guardas, Linete passava no meio do povo, sem olhar para os lados. Vestia uma túnica andrajosa e estava algemada, as mãos para trás.

Chegando à praça, ela foi amarrada a uma estaca de madeira, em cuja base havia um feixe de lenhas grossas. Depois de ler, em voz alta, o texto condenatório, o pregoeiro passou a palavra ao cônego, que rezou um ofício, esconjurando a moça. Por fim, o carrasco ateou fogo às lenhas e a turba, embevecida, viu as chamas se adensarem.

Minutos depois, a fogueira já cobria Linete. Então sua gargalhada diabólica ecoou por toda a cidade, fazendo as três velhas – D^a. Ava, D^a. Eva e D^a. Iva – estremecerem. Embora estivessem longe dali, elas podiam sentir aquele riso maléfico ecoando nas suas cabeças, a ponto de fazê-las vomitar.

Por fim, quando a voz de Linete sumiu no ar, despegou-se das labaredas uma fênix, a qual voou para longe até se perder nas nuvens. Então um garotinho, que assistia a tudo junto da mãe, murmurou:

- Ela vai voltar...
- Voltar de onde, meu filho? – perguntou a mãe, atônita.
- Das cinzas, mãe... Das cinzas...